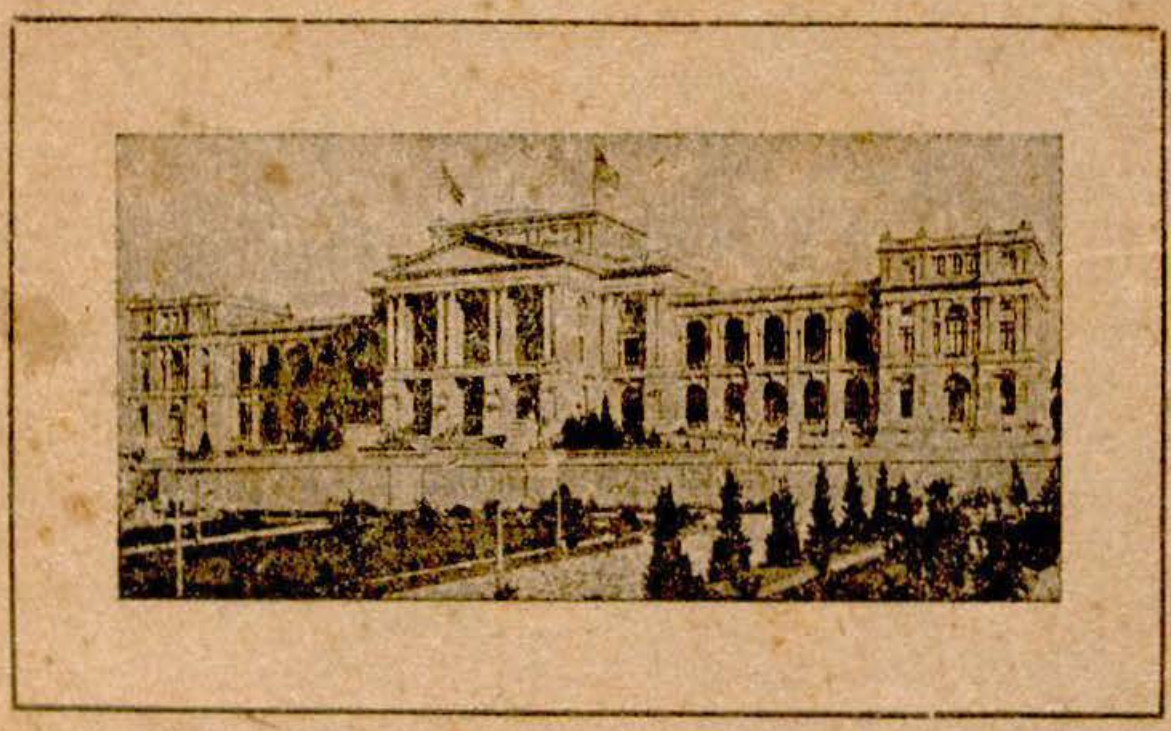
Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA

TOMO XVII — 1ª PARTE



S. PAULO, 1931
TYP. IDEAL — HEITOR L. CANTON
RUA RIBEIRO DE LIMA, 46

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

529

NOTAS COMPLEMENTARES SOBRE OS INDIOS CHAMACOCOS

POR

HERBERT BALDUS

INTRODUCÇÃO

Desde que, em 1923, vivi entre os Chamacocos, não me abandonou mais o desejo de os tornar a ver.

Publicarei aqui sómente os resultados mais importantes da minha segunda viagem (1928) como supplemento e correção ao artigo "Os indios Chamacocos" (publicado no tomo XV desta Revista, São Paulo 1927). Mais minucioso relato sobre o material obtido nesta viagem — referente tambem aos indios Kaskiká, antigamente chamados Guaná, do grupo Maskoi) — aparecerá no meu livro "Unter Chaco — Indianern"

Algumas das observações aqui publicadas contradizem inteiramente as anteriores. Quem se dedica ao estudo pratico dos indios, não achará isto estranho.

Não só numa mesma tribu se ouvem versões completamente differentes do mesmo tema, como tambem taes condições aparecem ao se interrogar o mesmo individuo varias vezes.

O facto pode, talvez, explicar-se de varias maneiras. mesmo com a maior precaução nem sempre se escapa ao perigo do *hineifragen,* quer dizer, da sugestão exercida sobre o indio, que responde dêste ou daquele modo, ou nos conta sem ser interrogado, visando apenas satisfazer-nos a curiosidade ou tornar-se interessante. Ou, porque ha indios que em certas circumstancias fazem tudo para mal informar com o fim de ocultar ideias ou crenças ou apenas tendo em mira zombar dos seus interrogantes. Nem esqueçamos quanto a fantasia do indio não tem limites, quanto para com elles nos entendermos surgem sempre novas difficuldades convem ainda lembrar que ha crenças e costumes que, como a propria lingua, estão sujeitas a alterações permanentes e por vezes rapidas. Emfim, para terminar, — e isto é o mais importante — não olvidemos que a noção de contradicção no sentido que lhe damos não existe para o indio. Tudo quanto lhe contam diferentes pessoas pode perfeitamente coexistir em seu espirito, por exemplo, o pai ensinou-lhe que a lua é homem e outro velho que ella é mulher; certo medico-feiticeiro, durante o somno, descobriu que a lua é muito boa e um branco necessitado de descanço e exasperado pelo ruido do canto rithmico dos indigenas nas noites claras, que é malefica e perniciosa: a tudo isto ouviu o indio e aceitou sem nenhuma estranheza. Assim o christianismo e o fetichismo convivem em seu espirito de catequisado, um ensinado pelo missionario, o outro pelo antigo chefe da tribu.

E é tão grave, para o indio, accusar alguem de mentira *séria,* que êle não comprehende a necessidade, para nós lógica, de que uma destas verdades invalida a outra. Tudo isto é necessario levar em linha de conta numa investigação escrupulosa.

NOME E TERRITORIO

Os Chamacocos, que conhecemos, repartem-se em tres tribus: Hório, Ebidoso e Tumerehã.

E' incerto que os Máro, vizinhos ao Oeste dos Chamacocos, sejam identicos á tribu samuca dos Morotoco, mencionada pelo Padre Juan Patricio Fernandez ("Relacion historial de

las missiones de los Indios, que llaman Chiquitos", Madrid 1726) e por outros antigos autores, e mais tarde por Alcide d'Orbigny ("Voyage dans l'Amérique Méridionale", t. IV., Paris 1839).

Boggiani julga os Moro uma tribu samuka ("Revista del Instituto Paraguayo", año II, N.º 16. p. 118, Asunción, 1899).

Nem o antigo general russo I. Belaieff, o homem que hoje melhor conhece esta parte do Chaco e a cuja amabilidade devo valiosas noticias, nem eu, conseguimos até agora entrar em contacto com taes indios.

Belaieff apenas encontrou algumas fogueiras abandonadas, uma clava (macana) e um adorno de plumas. A arma tem uma forma completamente diversa da usada entre as tribus chamacocas; tampouco a maneira de atar as plumas do diadema lembra o trabalho dos Chamacocos, porque as hastes são torcidas na extremidade inferior.

Talvez, tambem, tenha importancia notar que os Chamacocos põem a tartaruga ao lume com a bocca para cima e os Móro ao contrario. Os Móro não conhecem "a morte", contou-me um Kaskihá, querendo com isto dizer que ainda não conhecem as armas de fogo e por isso não se deixam amedrontar por um fusil apontado.

Os Ebidoso dizem que os Móro do *hinterland* da Bahia Negra usam sandalias de couro e a cabeleira completamente cortada. A palavra Móro é usada entre todas as tribus chamacocas. Elas mesmas se designam, em conjuncto, Ochero, quer dizer, indio ou homem no sentido de "meu semelhante". Um indio que não fala a sua lingua, não é Ochero, e nunca dão aos Móro este nome.

Hório (ou Orio) significa em ebidoso: nós (com exclusão da pessôa com quem se fala, como por exemplo "oré" em guarani). Cada uma das tres tribus Hório, Ebidoso e Tumerehã, chama-se a si mesma Hório. Mas, como a tribu designada por mim Hório, é conhecida pelas duas outras sob o mesmo nome, parece conveniente conservar esta designação, ainda que os Ebidoso muitas vezes lhe chamem por injuria Móro em consequência, dos frequentes contactos embora belicosos que êla teve com êstes.

O nome Ebidoso foi-me comunicado por Belaieff como próprio desta tribu; conservo-o por causa da distincção. A palavra Tumerehã é para os Hório e Ebidoso injuriosa; "chamamos-lhe Tumerehã", dizem êstes desprezivelmente, falando da odiada tribu irmã.

Mas os Tumerehã dizem: "E' verdade, êles nos chamam assim, isto porém não é palavra injuriosa, nós somos Tumerehã." Todavia, como já acima se escreveu, não quer dizer que eles proprios se chamem Tumerehã ou que este seja "o verdadeiro nome" de todas as tribus chamacocas, como Guido Boggiani ("Revista do Instituto Paraguayo", año II, N.° 11, p. 170, Asunción 1898) suppõe, partindo do principio de que Tumerehã provém de "Timinaha",nome de tribu mencionado no mappa do Chaco publicado por Iolis ("Saggio sulla storia nat. del Gran Chaco", 1789).

Os Kaskihá chamam aos Chamacocos *könmökpum* e *kémikpeén*. Os brancos designam os Hório e Ebidoso por Chamacocos mansos e aos Tumerehã "Chamacocos bravos", por terem entrado, nos tempos modernos, mais cedo e mais intimamente em relação com os primeiros do que com os ultimos.

Hoje, porém, estas designações podem conduqir a opiniões erróneas, porque os Tumerehã são realmente mais "mansos" que ambas as outras tribus. Boggiani escreve (o. c., p. 169):

"Tengo fuertes motivos para crer que *Chamacoco* no sea otra cosa sinó un nombre derivado del delos desaparecidos Zamucos, al cual fonéticamente mucho se parece, tanto más si se pronuncia exactamente como lo hacen los mismos Indios, ó sea *Chamoút*, dando á la *Ch* inicial um sonido algo parecido al de la Z".

Deve-se suppor que os Chamacocos ocupam, já ha muito tempo, o seu territorio actual porque conhecem, ao contrario, por exemplo, dos Maká, do sul do Chaco boreal, os nomes de cada arroio e de cada colina.

E' verdade que antigamente estavam mais reprimidos para o interior do Chaco pela tribu guaikurú a que Martin Dobrizhoffer "Geschichte der Abiponer", Wien, 1783- chamou Quetiadegodis, e êles proprios: Uettiadáu (Boggiani: o. c., p.

171) horda esta que dominava todo o Este do territorio dêles.

O seu territorio tem limites acentuadamente fixos. Indico-os aqui (segundo investigações de Belaieff), mas só com os nomes dos indigenas por escrupulos de natureza estrategica (por causa do conflicto de limites entre o Paraguay e a Bolivia).

Hório (sua sede principal na região civilisada: Lagôa Oia, Bahia Negra): Onota (Rio Paraguay). - Necauta (Rio Negro). - Forte Galpon - Riacho Achuclábida - Lagôa Iipûrit (onde nasce este riacho) - Wontabida.

Ebidoso (sua sede principal na região civilisada: Puerto Voluntad): limite oeste: nascente do Riacho Ebilebit - limite sul: Lagôa Apógnut Kálebit - Inmákata - (Lali) Oieta.

Tumerehã (sua sede principal na região civilisada: km. 69 da Estrada de ferro de Puerto Sastre): Morro Amórmichit - Morro Yûrit - Acampamento Pitiantuta - Morro Sörtowit - Acampamento Lebli poshüta - Lagôa Onárota.

Os Hório e Ebidoso falam duma lagôa distante de Bahia Negra umas 40 (?) léguas (uma légua tem aqui 4430 m.) em direcção de ONO, e de Porto Voluntad umas 80 (?) léguas, em cujas margens havia agora um forte. Dizem que antigamente tinham caminhado sempre até esta lagôa, nunca porém haviam-na contornado, tinham-na aliás como um rio.

A oeste dessa lagôa estendia-se um grande mato que ainda ninguem atravessara.

No tempo da sêca a lagôa divide-se em uma superior, de agua doce e em outra inferior, de agua salobra.

Josepa, filha duma Hório, mas que viveu entre os Ebidoso, chamava ao territorio desde Bahia Negra até Forte Olimpo *Orátsemi*. Não ha Chamacoco que se aproxime de Forte Olimpo, provavelmente porque em tempos antigos acampavam lá os seus inimigos mortaes, as tribus guaikurús, e mais tarde todos os indios eram ali recebidos pelas balas dos soldados paraguayos (v. Juan de Cominges: "Esploraciones al Chaco del Norte", p. 19 e 33, Buenos Aires, 1881).

Os Ebidoso tampouco vão a Porto Guarani, porque foram lá uma vez miseravelmente enganados nos salários, que deviam receber pelo seu trabalho.

Os Tumerehã diziam-me que seu territorio, a que chamam Piábo, estende-se a O. de Porto Sastre, até uma lagôa grande. Das fronteiras N. e S. nada falavam, referindo-se porém ao seu acampamento principal, que forma a fronteira O. e dista de Porto Sastre tres a quatro semanas. (Usando desta medida de tempo pode-se calcular a lentidão excessiva com que uma tribu com mulheres e crianças se move).

Neste acampamento principal mora um homem muito, muito velho. Estas indicações, porém, são meramente lendarias.

Belaieff constatou que tal acampamento principal não existe. Em vez dele apenas ha um lugar onde os Tumerehã talvez tivessem acampado antigamente e a que designam por um nome que não pude averiguar. E' verdade porém que nunca passam a O. deste ponto. Para o S. de Porto Sastre tambem não avançam, porque ali começa o territorio dos seus inimigos do grupo Maskoi.

NUMERO E CHEFES PRINCIPAES EM 1928

Os Hório constituem uma tribu de 180 a 200 pessoas. O chefe principal chama-se Churbit (quer dizer: pintura).

Os Ebidoso contam 175 individuos. O chefe principal chama-se Wiwi (palavra guarani: leve, fluctuante).

Os Tumerehã têm 60 grupos dirigidos por subchefes com 301 familias ao todo, quer dizer: 301 homens casados. Dando a cada familia uma media de cinco individuos, vem a ser approximadamente 1500. O velho chefe principal que aliás já passou os poderes ao seu successor, chama-se Orpa.

Todas as tres tribus perderam nos ultimos annos muita gente victimada pela grippe.

CAUSAS DA SEPARAÇÃO E DIFERENÇAS ENTRE AS TRIBUS

Os Hório e os Ebidoso separaram-se devido a razões de ordem politica. Falam com desprezo uns dos outros, não são porém inimigos. Mas consagram furibundo odio aos Tume-

rehã. Matam-nos onde os encontram e escravisam-lhes as crianças.

Os Tumerehãs não alimentam os mesmos sentimentos. Pelo contrario, têm medo, o que se pode explicar porque parecem physicamente em geral mais pequenos e mais fracos do que os vizinhos do norte e provavelmente ignoram a sua propria superioridade numérica.

As causas da separação relatam-nas de differentes modos.

Os Hório contam que perto do anno 1880 o seu chefe principal Maneko foi assassinado pelos Tumerehã (Boggiani, Rev. del Inst. Paraguayo, año II, N.º 11, p. 170). Os Ebidoso informam o seguinte: Uma vez os rapazes comeram, a despeito da interdicção, carne de avestruz e outras iguarias que são *tabu,* e de tal se vangloriam diante das moças.

Então os velhos resolveram por motivos de ordem moral e tradicional matar os jovens irreverentes.

Por occasião duma festa de *anapösö,* dança secreta dos homens, pretenderam atal-os e queimal-os vivos. Assim as mulheres não se aperceberiam da execução e todavia conheceriam o terrivel poder da lei. Um dos rapazes, porém, surprehendera o conciliabulo dos velhos e assim por elle industriados, todos os jovens fugiram levando as moças comsigo.

Fugiram para o sul, e desde então passaram a chamar-lhes Tumerehã. Provavelmente esta palavra injuriosa Tumerehã, dada aos jovens rebeldes, provém de Timinaha, nome dos antigos vizinhos ao sul das tribus samukas, indicado no mapa de Iolis em 1789.

Os Tumerehã contaram-me a separação de outro modo. Segundo a lei, na festa de *anápösö,* tambem os jovens podem comer tatú, e não, como fóra desta época, só os velhos. E sempre assim fôra: os velhos tiravam, primeiro, para si, os pedaços maiores, depois os homens maduros um pouco menores e finalmente os mais novos os restos insignificantes.

Certa vez, porém, os velhos haviam proibido inteiramente aos jovens comerem deste bom assado, tudo para si querendo. Então os jovens se expatriaram. Este motivo parece um pouco futil se o compararmos com os precedentes mas é preciso notar que o tatú tem gosto que lembra o da carne de porco e que

a fome é tremenda depois de uma dança que durou tres ou quatro noites a fio quando alguem vê outros a comer.

A separação deve ter occorrido ha mais de cincoenta annos. Entre as tribus do norte a gente ainda hoje se lembra de Orpa, chefe dos Tumerehã, como um dos emigrantes. Se bem que este ancião, no dizer dos indios, conte mais annos do que Wiwi, o chefe muito velho dos Ebidoso, eu, que o conheço como incansavel e poderoso cantador e esplendido andarilho, não lhe dou mais de setenta annos.

Os Hório e Ebidoso criam algum gado e acusam os Tumerehã, que o não criam, de lhes roubarem os animais. Pode-se dizer que a ultima tribu é mais primitiva. Não chega ao Rio Paraguay. Não tem acampamentos fixos por largo tempo. Usa apenas a antiga esteira de junco para se resguardar do sol e do vento.

Alguns Tumerehã andam ainda nús. Apesar de algumas de suas moças terem tido por vezes relações com os brancos, não encontrei productos dêstes cruzamentos.

As unicas consequencias aparentes destas relações são o descaramento de taes raparigas e o conhecimento por ella travados com a seda e o pó de arroz.

Mas, em geral, continuam pintando a cara á moda antiga, são delicadas e respeitam e amam os mais velhos e todos os outros membros da tribu.

Os adornos e bolsas de caraguatá dos Tumerehã destinam-se ao uso proprio e não ao commercio com os brancos. Emquanto os productos da sua cultura material não differem na execução dos das tribus do norte, manifestam-se na sua mythologia as mais profundas divergencias.

Os Hório e Ebidoso vivem, se bem que com interrupções, no Rio Paraguay e ficam muitas vezes annos e annos no mesmo lugar. Usam já lona para os tectos e paredes dos acampamentos. Não raras vezes andam mais bem vestidos do que um viajante explorador após alguns mezes de trabalho.

Ha entre elles muitos mestiços; a moral entre elles deixa constantemente a desejar; os filhos batem nas mães os casados espancam-se mutuamente. Têm uma activa "industria para estrangeiros" e sabem comerciar com os seus productos, tra-

balhos de penas e tecidos, rivalisando com os syrios mais expertos. Entre êles a mulher logo após o parto, corta o cordão umbilical com a tesoura e não como entre os Tumerehã com a unha.

RELIGIÃO

Não raras vezes empregam os missionarios nas suas prédicas o nome do heroe mythologico da tribu em lugar da palavra Deus; assim, por exemplo, invocam Makonaima, causador das desgraças nos mythos dos Akawoio (Th. Koch-Grünberg: "Vom Roroima zum Orinoco", tomo I, p. 210, Berlin, 1917), ou Dohitt, transformador de homens em animais, de cuja vida aventurosa contam os Mosetene (Erland Nordenskiöld: "Forschungen und Abenteuer in Südamerika", p. 154, Stuttgart 1924). Como, porém, estas figuras cometem, nas lendas dos indios, muitas immoralidades, a sua situação torna-se por vezes soberanamente comica no papel do Deus que os missionarios lhes inculcam.

Se bem que os heroes mythologicos de muitos indios figurem como os primeiros instituidores das suas culturas e leis morais, convém observar que êles não representam a bondade, no sentido christão, nem tem os attributos do omnipotente e omnisciente e que ás vezes os indios os consideram como uns maganões indignos de qualquer respeito. Entre nós existe a maior confusão a respeito de todas estas questões.

Quando, em agosto de 1928, me achava em Porto Sastre, um salesiano, pregou aos Kaskiha (Guaná) a respeito de "*pestén*". Esta gente, habitualmente cortêz e taciturna, dava gargalhadas tão sinceras que, desconfiado, perguntei ao padre o que significava "pestén". "O céu", respondeu-me.

Mais tarde constatei que "pestén" quer dizer: a lua. Provavelmente havia o missionario perguntado, numa noite de luar, como se dizia, em lingua india, "céu". Comprehendi então que os indios achavam chistosa a ideia de irem ter á lua como recompensa duma boa vida christã.

Todos os indios que visitei me falaram a principio de um Deus unico; êles não querem ser mais imbecis que os civili-

sados que se chamam christãos e de cuja crença alguma noticia chegou provavelmente até ás tribus independentes. Só quando lhes angariei a confiança e lhes expliquei suficientemente que não era defensor da concepção christã, êles me revelaram as suas crenças mais profundas.

Dos Tumerehã fiquei sabendo, primeiramente, o seguinte: "O sol é o senhor poderoso que tudo domina. E' terrivel. Desfecha todas as doenças, as da cabeça, do estomago, emfim de todo o corpo. Se não houvesse tantos céus, êle nos queimaria assim como a todos os animais e a tudo. Só mata. Traz a lingua de fóra e constantemente de um lado para o outro.

Os brancos dizem que podem ver o sol de muito perto. Nós nos cremos em tal. Pelo menos não podemos fazel-o. Se um de nós o fizer, morre em seguida. O sol ordena ao moço durante o somno que seja médico; então este levanta-se, canta e fica medico. O sol diz tudo aos medicos durante o somno. Ele é Chamacoco e não branco. Um dia ha de romper todos os céus que agora o separam da terra, e então tudo queimará".

Estes indios diziam que o sol é deus como o deus dos christãos, mas a negar, categoricamente, qualquer influência christã.

Da mesma maneira tambem as outras tribus de Chamacocos declaram que apenas existe um deus, que é o sol; um medico tinha-o visto e dito que é homem, alto e muito velho, solteiro e sem filhos.

No ultimo dia, porém, da minha permanencia entre os Tumerehã, Belige, um joven que se tornara o meu melhor amigo, contou-me do modo mais grave: "Como agora te vais embora, vou-te dizer tudo o que o chefe Orpa e os velhos nos narraram. Mas nada de tal deves revelar a quem quer que seja, a nenhuma mulher e a nenhum branco, porque senão elles morrerão.

— Já ouviste falar de Ahannog Timitcharne?"

Pensei que *ahannog* queria dizer medico feiticeiro e *timitcharne* mulher; nunca nada ouvira de tal senhora; fiz porém um ar de assentimento e elle começou:

"Chama-se Echtevuárhã e era uma moça da nossa tribu, mas hoje já não é. Foi passear a uma lagôa e encontrou lá Póhitchio, o grande *anápösö*".

Os *Anápösö* são espiritos da selva. Têm a mesma significação entre todas as tribus de Chamacocos. Usam como flauta ossos de antebraço de mulheres fallecidas. (não assassinadas). Não têm casas. Se um homem delles falar á sua mulher esta morre. Se ella procurar ver taes espiritos durante os seus bailes e avistar um só delles, cair-lhe-á logo um dos olhos e morrerá. Ameaçando as mulheres com o *anápösö*, ellas baixam os olhos e tornam-se dóceis.

Isto acontece até com as mestiças, que vivem como civilisadas entre brancos, o que mostra como o medo destes espiritos se arraigou profundamente. Tambem os homens se disfarçam em *anápösö* e inventam danças para assustar as mulheres. O *anapösö* grande sahiu do tronco duma arvore. Póhitchio é seguramente um derivado de *pohit*: *cachorro*.

Echetevuárhã casou-se com Póhitchio e teve muitos filhos. O seu marido anda vestido de plumas de avestruz. Usa como flauta um osso de mulher. Echtetevuárhã tem o rosto pintado, traz plumas por todo o corpo, não tem unhas e usa uma camisa sem mangas feita de caraguatá. Ambos são bons para com os homens, e maos para com as mulheres, por isto estas não os devem ver.

De Echetevuárhã sahiram muitos *anápösö* que se chamam Guárã. Tem os braços e pernas pintados como cachorros com linhas transversaes vermelhas, brancas e negras, estas porém não são verdadeiramente pintadas, mas sim naturaes.

Os Guárã têm apparencia humana. Tambem os Osãsero são filhos de Echetevuárhã, aves que vivem por cima de nós em um dos céus. A cabeça, a cauda e todo o corpo têm o aspecto de rabo de vaca; estão cheios de agua e abrem-se para promoverem a chuva.

Echetevuárhã manda aos moços que cantem e êles obedecem. Se não cantam todas as noites, fecha-lhes a boca (mata-os). Dá de comer a todos os moços e reina universalmente sobre o próprio marido e sobre o sol. Este quer beber toda a agua, mas Echetevuárhã bate-lhe com a mão (quer dizer: co-

bre o céu para que o sol não possa tomar mais agua). Echetevuárhã dizia-nos que devemos cantar para que ella possa avisar seus filhos, os Osãsero, afim de que abram o corpo e nos dêem agua.

Mais para o interior do Chaco, se acaso morre o pae, a mãe ou o irmão dum indio e este chora muitos mêses, dia e noite. então durante o somno vem Echetevuárhã e offerece-lhe comida: um pedaço de carne de porco do mato, outro de porco como criam os brancos, outro de avestruz, outro de tatú carreta, e ainda outro de uma anta, á qual cortou as orelhas, em signal de propriedade, dizendo-lhe: "Não passarás para o outro lado!"; da mesma maneira procede com o veado, o cervo e a cabra. O homem vai para o matto, chora sempre, e ninguem mais o vê. Chamam-lhe Oue, quer dizer chorão. Ha muitos destes chorões".

Os Tumerehã falam ainda de outro espirito chamado Vóhoro. Este grita na selva e não se achega aos acampamentos. Quem o vê, homem ou mulher, morre. Tambem ha muitos destes espiritos. São homens com aspecto de onça. Esta ultima indicação, realmente não está de accordo com o desenho que Belige me fez. Mas taes entidades mysticas podem naturalmente á vontade mudar de formas.

Os Hório e Ebidoso falam de um fantasma desagradavel chamado Diguitchibi. Dizem: qando uma pessoa morre, della sai o Diguitchibi, espirito mau de aspecto humano.

Obtive dos Tumerehã duas versões acerca das ideias que fazem do céu. Primeiro contaram-me que havia quatro céus, dois por cima e dois por baixo da terra.

No mais proximo, por cima da terra, mora "a onça" e no mais alto, "o raposo grande", provavelmente demonios com taes figuras.

No céu mais proximo por baixo da terra, estiveram antigamente elles, os indios; está agora vazio. No céu mais baixo acha-se o sol, porque elle vem sempre de baixo.

Mais tarde Belige contou-me que o velho chefe Orpa lhe falara de sete céus, cinco por cima e dois por baixo da terra.

O mais perto por cima da terra é o *jetet vuis* (o j pro-

nuncia-se como o *j* allemão),o céu azul e negro; nelle ha todos os animaes. Por cima delle está o *jetet pora*, o céu branco e tambem nelle ha todos os animaes. Sobre este o *jetet char* (*ch* pronuncia-se como *j* hespanhol), o céu pardacento, esverdeado e amarelado, que tambem encerra todos os animaes. Mais acima *o jetet vuipichahör*, o céu avermelhado, roxo e vermelho escuro, onde habitam os *Osãsero*. Finalmente o *jetérhã*, o céu mais alto, em que está o sol.

Por baixo da terra primeira ha uma lagôa grande e por baixo della o céu dos *gringos* (designação de europeus na America hespanhola) ; o céu mais baixo é o caminho do sol. Se bem que a segunda versão apresente influencias da civilisação, é muito difficil sustentar que ella seja em substancia a mais nova; a forma foi indubitavelmente modificada por elementos modernos.

Ideias parecidas encontramos entre outros indios, Os Taulipang do Roroima dizem: Ambas as partes do mundo por cima e por baixo de nós têm differentes andares. Por baixo da nossa terra tudo é tal qual aqui: um céu, serras, rios, matto. Ha tres andares por baixo da terra. O céu dos que vivem mais embaixo é o chão dos que vivem por cima delles (Th. Koch-Grünberg: "Vom Roroima zum Orinoco", tomo III, p. 175, Stuttgart 1923).

Os Sipáia (Xipáia) do Rio Xingú falam dum mundo por baixo delles. O mundo compõe-se de certa maneira de alguns andares (Curt Nimuendajú: "Bruchstücke aus Religion und Ueberlieferung der Sipáia-Indianer", Anthropos, t. XIV, XV, p. 1008).

Os Osage na America do Norte suppõe que ha quatro céus ou mundos superiores por cima da terra que deviam ter sido atravessados pelos seus avós antes de cá chegarem. (J. O. Dorsey: "Osage Traditions", Sixth Annual Report of the Bureau of Ethnology, p. 378, e s., Washington 1888).,

As tribus de Chamacocos falam tambem duma especie de inferno, *Oapig* ou *Osepa*, matto em que vivem os *anápösö*.

Os Tumerehã contam: Quando morremos, transformamo-nos em avestruz ou tatú, e os brancos em vacas.

Dum medico feiticeiro muito respeitado contaram-me elles: Quando elle morrer, a gente deve chorar e perguntar o que elle quer ser, onça ou avestruz. Isto já elle deve ter dito antes da morte, á sua mulher. O morto é muito mau e diz então: Sou mau. Sou onça (ou avestruz). Todos os caminhos aqui (no acampamento onde elle morreu) são maus e não quero que vocês delles se sirvam. Sou muito mau. Se vocês fizerem isto, mato-os.

Sauna, filho duma Tumerehã e dum Móro, feito prisioneiro pelos Tumerehã quando creança, affirma: Os mortos transformam-se novamente em indios. Eu já fui avestruz, contou-me meu pai e agora, continuo a sêl-o. Tambem os Borôro, que são parecidos com os Chamacocos em muita cousa, afiançam: Somos araras (Karl von den Steinen: "Unter den Naturvolkern Central-Brasileins", p. 353, Berlin 1894).

Os Chamacocos têm, como todos os indios, muito medo dos mortos. Quando alguem morre, começa uma gritaria immensa; todos louvam em voz alta as boas acções e qualidades do defunto; tudo o que lhe pertenceu é posto na cova; todas as mulheres com quem teve relações sexuaes devem chorar em volta do cadaver; a tribu levanta logo o acampamento e caminha para outro lugar.

Como já mencionei os Hório e Ebidoso dizem que um espirito mau sahe do morto. Uma identificação deste mau espirito com o morto encontramol-o tambem no costume destas tribus em deixar enterrar viva, por uma velha, a criança que nasce de olhos abertos e se senta immediatamente, por ser "filha de morto", quer dizer, filha dum mau espirito.

As mulheres gravidas temem muito esta possibilidade, mas se lhes não atrribue nenhuma culpa em taes casos.

Para se aprehender a mythologia de uma tribu, deve-se, antes de tudo, procurar preparar e coordenar os textos. Tomando apontamento de palavras e textos, senti-me, de começo, quasi desanimado.

Ouve-se primeiro uma torrente de palavras que parecem sons do outro mundo. Pede-se ao informante para repetir uma palavra, e ouve-se, em vez della, dez outras. Ninguem deve

desesperar! Pode-se alcançar que a mesma palavra seja repetida. E' verdade que então já de outro modo sôa. A's vezes, com a accentuação, modificou-se-lhe tambem o significado, como os interrogados respondem.

E antes de se conseguir saber o primeiro significado, já os indios declaram que estão cansados. Isto repetem-no indefinidamente e sem mudança de accentuação e significação.

Sente-se a gente quasi desesperada; vae buscar cigarros e faz uma pausa de vinte e quatro horas. Quando finalmente se consegue entender um pouco da lingua e pode-se falar, atreve-se a escrever um texto. Então fica-se sabendo: "Não temos mythos, nem historias". Perseverando e angariando-se a confiança dos indios, attinge-se, apesar de tudo, o almejado fim.

Vou agora resumir o que fiquei sabendo da mythologia dos Chamacocos, além do acima relatado.

OS ASTROS

Os Tumerehã dizem: O sol é homem e a lua é homem. Venus é mulher da lua. Todas as estrellas são seus filhos e suas mulheres; são muito bellas. O sol é mais forte do que a lua e mau. A lua é muito boa e nada estupida, como pretendem os Ebidoso, mas sem poder algum. Quando o sol está raivoso contra ella, arroja-lhe os filhos, as estrellas, á agua (estrellas cadentes). O sol, a lua e as estrellas são Chamacocos e não brancos.

D'uma Ebidoso ouvi a lenda seguinte: O sol (homem) tinha uma mulher (Venus). A lua (homem) tirou-lhe a mulher. O sol clamava á lua: Estupido! - A narradora deu uma gargalhada e explicou então que todas as estrellas são filhos do sol e que este agora se ri da lua por ter casado com uma mulher com tantos filhos.

A lua tivera filhos tambem, mas atirara todos ao rio. Quando lhe nasce agora algum novo lança-o tambem ao rio (estrellas cadentes).

Os Hório e Ebidoso contam muitas lendas do sol e da

lua (v. tambem: José de Alarcon y Cañedo e Riccardo Pittini: "El Chaco paraguayo y sus tribus", p. 37, Turin, 1924); o sol é sempre forte e astuto, a lua nescia e débil, quer em tudo imitar o sol, mas nunca o consegue. Os indios têm fé nestas lendas que não raras vezes são muito extensas e ao relatal-as contorcem-se em gargalhadas.

CHUVA E TORMENTA

Os portadores da chuva aos Tumerehã são as aves mythologicas chamadas Osãsero, cujos corpos estão cheios de agua e têm em todas as suas partes o aspecto de rabos de vaca. Podem ser consideradas provavelmente como nuvens, se bem que tal explicação não me haja sido dada pelos indios.

Os Ebidoso e Hório, porém, contam dum *Osãsero* que parece homem e tem cavallo. Quando cavalga muito sobre o céu, cai chuva. (A menção do cavallo revela origem moderna).

Os Chamacocos tinham uma arvore; Osãsero cortou-a apressadamente; a arvore caiu sobre o braço de seu filho, Lápiche. Quiz este sacar o braço, mas não conseguiu fazel-o. Então chegou um Chamacoco, Osãsero fugiu, o indio libertou Lápiche; este, porém, perdeu o braço neste accidente. (Eu não pude averiguar se Lápiche personifica as Pleiadas, que num mythodos Faulipang são representados como um homem a quem a esposa infiel corta uma perna a machado (Th. Kock-Grünberg: "Vom Roroima zum Orinoco", tomo II, p. 55 e s., Berlin 1916). O Chamacoco criou o filho de Osãsero; mais tarde este se foi embora. Quando não chove durante muito tempo, invoca o medico a Osãsero e conta-lhe como os Chamacocos trataram bem a Lapiche. Osãsero apparece ao medico em sonho e manda-o cantar para que chova.

Estas tribus, tem comtudo ainda outra ideia das causas da chuva e da tormenta. Falam dum tanque d'agua no céu sob a forma de gigantesco barril e guardado por certos espiritos. Se, por exemplo, uma mulher come uma cousa que não deve ou as crianças comem á noite, cousa a todos prohibida, então os espiritos ficam de mau humor e não deixam chover.

Ha entre elles bons e maus. Quando os bons estão indignados, invocam os medicos aos maus, e se estes estão irritados, dirigem-se a aquelles.

Então, depois de algum tempo, os espiritos invocados vão, bem armados, fazer guerra aos outros. Se se harmonisam, chove sem tormenta, sabendo então os indios que os potentados injuriados lhes perdoaram. Se estes, porém, se obstinam, começa a luta, os espiritos atacam o tanque e batem com as armas umas nas outras, causando assim o trovão.

Depois da tormenta os espiritos obstinados estão mais furiosos ainda por terem perdido o combate.

Se chove sem tormenta e por conseguinte todos estes espiritos mostram a sua benevolencia, os indios preparam no acampamento uma festa de alegria.

Os homens pintam a cara completamente com urucú (vermelho), põem adornos de unhas de veado e plumas nos braços e pernas, penduram ao pescoço cadeias de cascas de coquinhos; os medicos ostentam os aneis caudaes da cascavel como amuleto; e toda a gente pula, atira-se ao chão, bate-se por brincadeira, ri e faz piruetas. As mulheres estão sentadas ao redor dos dansarinos como espectadoras, riem; é uma explosão unanime de alegria.

Quando contei este mytho dos Hório e Ebidoso aos Tumerehã, responderam que tal cousa não podia ser verdade, porque se se abria um tanque, a agua só poderia cair em um lugar e por conseguinte encher talvez uma lagoa, mas não molhar a terra por toda a parte.

E' notavel que, nos cinco decennios, aproximadamente, de separação destas tribus, os bens espirituaes, como a lingua e especialmente a mythologia, e, ás vezes, até a maneira de pensar mudaram em certos pontos radicalmente, instituindo differenças nacionaes, emquanto que a cultura material ficou essencialmente a mesma.

ORIGEM DO FOGO

A lenda da origem do fogo é igual entre todas as tribus Chamacocos. *Popeteab,* a filha do bufo, tinha o fogo. O ca-

racará *Armetérha* (*Polyborus tarus*) quer roubal-o. *Popetata,* a mãi dos bufos, atira-lhe a flecha ao peito. Depois de varias tentativas elle conseguiu roubar o fogo e o dá a seu irmão menor, o quiri-quiri *Krikered* (*Tinnunculus sparverius*). Este traz o fogo aos Chamacocos, quer dizer, mostra-lhes a maneira de o conseguir por meio de dois pauzinhos. (Os nomes usados aqui são tumerehã).

ORIGEM DOS HOMENS

Sobre a sua origem contam os Tumerehã: Os Chamacocos e tambem os brancos e os outros homens viviam por baixo da terra. Os Chamacocos subiram por um fio de caraguatá até á superficie da terra; primeiro appareceu um Chamacoco muito pequeno, depois chegaram muitos outros.

Um cão cortou o fio. Só poucos subiram, porque havia poucos animais para comer. Por isso mais tarde os Chamacocos e com elles os brancos e os outros homens subiram por meio de um pau ao céu, onde ha mais caça.

Então veiu o Daola, um passaro de quem o velho Orpa affirma ser muito pequeno, cortou o pau, e todos os Chamacocos, como tambem os brancos e outros homens, cahiram na terra. Por isso agora ha tão poucos Chamacocos.

Os Hório diziam a Pittini (o. c.. p. 32) que sahiram dum enorme quebracho. Segundo o mesmo autor, elles têm, como a maioria e talvez até todos os indios uma lenda do diluvio, (id.). Na grande enchente que subiu até ás nuvens, só um Chamacoco com sua familia se poude salvar. Tinha aberto uma excavação em que se metteu e só sahiu quando ouviu por cima de si os passos dum passaro.

Ha entre os Chamacocos alguns que gozam da fama de serem melhores narradores do que os seus demais compatriotas".

"Deixai passar os mais aptos!" pensam especialmente os medicos charlatães, bafejados pelo exito. E' verdade que entre os Chamacocos cada homem pode sem difficuldade tornar-se medico; segundo o dizer do Tumerehã Belige, basta chorar

sobre o cadaver dum parente até dormir; então apparece-lhe Echetevuarha, manda-o cantar e ser medico.

Mas, realmente, raros são os authenticos feiticeiros, aquelles que não só cantam e bailam com a cabaça da musica em mãos e chupam as picadas de ophidios, como os outros homens, tambem tidos pelo povo em geral como dispondo de forças sobrenaturaes. Chamam a chuva, curam os dentes, veem durante o somno os espiritos. A dormirem tudo aprendem, até os mythos. Sabem em geral e antecipadamente quando vem a chuva, cantam, e mais tarde declaram que foram os que chamaram a chuva.

Entre os Hório e Ebidoso porém, têm, ás vezes, de andar dum lado para outro, no mesmo passo, dia e noite, e não raramente oito até dez dias a fio.

Não dormem, comem andando, marcham sempre sobre a mesma linha de modo que acabam fazendo no chão um sulco profundo e só descançam quando a agua cai do céu.

Para este fim tambem sobem ás arvores mais altas pedindo, em gritos, a chuva.

Entre estas tribus os prestigiosos medicos feiticeiros servem-se dos mesmos truques que os seus collegas de muitos povos primitivos. Depois de terem cantado, soprado, percutido e esfregado o doente, chupam no logar dolorido e cospem, de repente, a causa da doença: pedacinhos de ossos, espinhas, pequenos animais, ou, quando mais civilisados, botões e pregos de ferro antes escondidos na bocca.

O objecto mau é enterrado e a terra em cima firmemente pisoteada e calcada; mas quando um branco indiscreto quer desenterral-o depois, já não o encontra. Em geral estes bruxos trabalham tão dextramente que até mesmo o melhor observador não consegue apanhal-os em flagrante.

Entre os Hório e Ebidoso, estando acordado, um doente, não existe perigo para elle; se porém dorme os espiritos maus podem entrar-lhe na bocca (quando a abre durante o somno).

Por isto collocam-lhe, sem que se aperceba, no chão, por detrás da cabeça, o seu facão (antigamente a clava ou uma flecha), e, ao despertar, retiram-lho da mesma maneira secreta.

Igual costume se encontra entre os camponezes paraguayos de sangue indio, mas estes servem-se, como arma de defeza, de uma thesoura.

Os Tumerehã nada sabem de espiritos que trazem a doença entrando na bocca. Creem que o sol é a causa das molestias. O medico sopra na mão e com ella esfrega fortemente o lugar dorido; é quanto basta para a cura. Não conhece formulas magicas; o seu canto é a imitação de vozes de animais, sem palavras. No dizer dos indios são os proprios animais que chegam e cantam.

Se, entre os Hório e Ebidoso, alguem morre, o medico, corta o cabello do viuvo ou da viuva, prepara com este um fio de metade da grossura do dedo minimo á maneira dos fios de caraguatá, e ata-o como defesa contra os espiritos da doença, diante do seu acampamento, parallelamente ao chão, entre duas arvores ou postes.

Relatam estes indios: "Antigamente havia um medico feiticeiro; quando este cantava, acudiam todas as viboras, e elle podia tomal-as na mão". — "Para que assim fazia?" perguntei. — "Para que os outros cressem firmemente".

Os Chamacocos têm interessantes danças secretas e com mascaras, das quaes trato extensamente no meu livro: "Unter Chaco-Indianern".

TABÚS DOS CHAMACOCOS

Como provavelmente succede com todos os indos, tambem têm os Chamacocos prohibições especiaes relativas a alimentos. Carne de anta só podem comel-a os anciãos; os moços que a ingerissem ficariam logo velhos e debeis. A de avestruz e a do cervo só a comem as mulheres; aos homens tornam cobardes. O corço sim é comida de homem, para que possa correr rapidamente. Os ovos de avestruz só os ingerem os velhos e as mulheres; comendo-os um moço, morre-lhe a esposa e deixa-o com muitos filhos pequenos, porque é sempre o macho do avestruz que faz a criá.

Se os homens comerem um pedacinho do rabo de jacaré,

nunca serão feridos em combate, porque o jacaré devora todos os outros animais emquanto por elles jamais é morto. E' o symbolo da força. Mas só as velhas comem o animal inteiro, assim como as mulheres comem tartaruga e os homens não, sob pena de se tornarem tardos e virem a ser feridos em combate.

Os moços comem carne de tatú só na matta durante as danças secretas de *anápösö*. As mulheres pensam que elles nunca a comem, porque isto faz envelhecer. Os anciãos devoram-no publicamente.

A maioria das aves só é comida pelas mulheres; os homens se dellas se alimentarem tornar-se-ão velhos e não mais poderão andar rapidamente. Os moços não podem comer enguia antes dos vinte annos, mais ou menos. Em geral, os Chamacocos não comem carne de cavallo, ovelha, cabra, do porco domestico, do cão, raposa, lobo, gato, onça, das viboras, gallinhas. São-lhes os ovos defesos, tampouco bebem leite. Todos comem carne de capivara para poderem nadar bem. Só aos homens é dado comer tamanduá. Não se comem os macacos por terem sido antigamente homens. Inspiram-lhes, até, medo. Ha muitas fructas que só o homem come, por exemplo, as de uma certa especie de cactaceas.

TOTEM

O Tumerehã Dyonisio mencionou a Belaieff sete grupos de *totem*s I. O grupo do pato. Os membros desta aggremiação não podem comer carne de pato, e sim o caldodesta ave. Como adorno da cabeça só devem usar uma especie de elmo de plumas de pato. A este grupo está subordinado hoje o da pomba.

II. O grupo da onça. Os membros devem usar testeiras só de couro de onça e não de outro qualquer animal. A este grupo está subordinado o da tartaruga. III. O grupo do avestruz. IV o grupo do macaco. V. O grupo do periquito. VI. O grupo do tamanduá. VII. O grupo do caracará.

CURIOSA TRANSFORMAÇÃO DE COSTUMES OPERADA

No meu artigo, do tomo XV desta *Revista*, escrevi, a falar dos Chamacocos: "Não conhecem a saudação, nem sequer o sorriso de boas vindas". Esta observação eu a fiz, repetidas vezes, na minha primeira viagem ao Chaco, e a sua exactidão foi-me confirmada por outros brancos.

E agora, em 1928, pude vêr, entre os mesmos indios, como a mulher já corre ao encontro do marido que regressa ao acampamento, como lhe toma a carga ou as armas e o segue alegremente. Eu vi como a filhinha corre para o pai que volta do matto, e o abraça a elle se aconchegando, e como um sorriso carinhoso embelleza ambos os rostos.

Occultariam os indios, antigamente, taes sentimentos em presença dos estranhos? Custa-me crel-o, porque os demais sentimentos elles os demonstravam sem reserva.

Além disto, a gente de Porto Sastre contou-me agora que as mulheres de alguns Chamacocos corriam, chorando, ao lon-go da margem, quando os maridos seguiam em vapor para a Assumpção.

Ao mesmo tempo estes publicamente confessavam que seu unico desejo era que suas esposas não prestassem attenção alguma a nenhum outro homem durante a sua ausencia.

NOTA LINGUISTICA

O material linguistico colleccionado em minha ultima viagem, deverá ser publicado numa revista ethnologica allemã. Corrigirei então alguns erros do meu vocabulario, impresso em 1927. Desde já quero dizer que em todos os dialectos chamacocos o genitivo antecede aos outros casos.

A MARCHA DA CIVILISAÇÃO

Desde a minha primeira passagem pelo Chaco, muitas cousas mudaram. Encontra-se agua potavel em diversos lugares,

a uma profundidade de cinco metros, mais ou menos e por isto a colonisação progredirá rapidamente. Vastos territorios foram devassados e utilisados para acriação de gado.

Os mennonitas edificaram as suas aldeias e jungiram os bois ao arado. Os empregados das fabricas de tanino penetram cada vez mais longe no interior á busca do quebracho.

Em 1923, eu podia contar que no Chaco ainda não havia fructas de pomar. Agora veem-se abundantes laranjeiras nas estações da estrada de ferro. O preço dos terrenos está subindo. E a frequente existencia de terra salina e de agua salobra pode ser indicio de petroleo; já ha muito que se fala da descoberta na região desse valioso liquido, affirmando-se que os bolivianos já até venderam as concessões para a exploração do oleo aos norte-americanos.

Por isto, a guerra com o Paraguay, será, para a Bolivia, uma questão de honra...

Muitas outras modificações encontrei. Quando da minha primeira jornada, o Chaco, entre o Rio Pilcomayo e Bahia Negra pertencia evidentemente aos paraguayos, e, até esta data, só tinha sido boliviano nos mappas bolivianos. Mas agora as duas nações inimigas collocaram, de um e outro lado, fortes defrontando-se, de norte a sul. A civilisação exige victimas, e aqui, neste sentido, se mostra pressurosa. A navegação no Rio Paraguay augmentou, e desde 1926, o telegrapho de Assumpção alcança Porto Sastre. Em varios lugares appareceu o typho antes desconhecido...

E muitos Tumerehã, que poucos annos atraz arrancavam cuidadosamente todos os pellos do rosto, agora usam barba! E avistei-me com moças que em vez do urucú, da côr vermelha do amor, se pintavam com o pó de arroz parisiense...

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

BIBLIOTECA PUBLICA
DEL ESTADO
CHIHUAHUA